

OS JOVENS E A CRIAÇÃO DE IDENTIDADE(S) EM TORNO DE UMA PROFISSÃO EMERGENTE: A ARQUEOLOGIA*

Em comentário ao título geral do painel, começarei por dizer que não sei se, como pessoa, ou mesmo como profissional de Arqueologia, “me procuro”, porque não sei se existe algum “lugar” que seja “eu”. “Eu” é um artifício do discurso. Assim, não faria sentido tentar encontrar algo que é um mero recurso retórico.

No entanto, parece que a maior parte das pessoas (e o autor também, certamente) está sempre tentando definir-se, procurando encontrar uma identidade que as salve das escorrências da alteridade – das quais a mais radical é a morte, ou seja, a impossibilidade definitiva de continuar a pensar/sentir(-me). As pessoas elaboram continuamente discursos sobre o que são e o que não são, sobre o que acham que os outros são e não são, etc., por vezes com uma convicção surpreendente – são estratégias de sobrevivência. Parece nunca as ter visitado (ou temporariamente esquecerem) esta “era da suspeita” em que vivemos, e que é incómoda. Mas, para quem pode, é mais interessante viver do lado da carne viva (a interrogação) do que do lado da crosta (a resposta). Até porque a ciência – e a Arqueologia é também uma ciência – está mais do lado da busca constante do que da conclusão insofismável. É certo que, como profissão, socialmente aceitável, a Arqueologia – tal como a Engenharia ou a Medicina – tem de estabelecer um conjunto de regras de procedimento e de padrões de conduta para os seus profissionais, sem nunca esquecer que cada situação é uma situação específica e que a adaptabilidade é sempre a melhor solução.

A interrogação é uma postura de vida, e pode exercer-se de muitas formas. O autor desta intervenção é arqueólogo e poeta, o que significa que da sua actividade resultam certos produtos reutilizáveis (fruíveis) por outros, de formas obviamente diferentes.

Como arqueólogo, procura no solo as marcas da presença dos que desapareceram – como o anjo, no filme de Wenders, que ouve o que os leitores da biblioteca estão lendo. Para ele, o chão que pisamos não é uma superfície funcional – mas um palimpsesto de experiências, a epiderme de toda a vivência humana. Ao debruçar-se sobre um património colectivo, está obviamente obrigado ao protocolo da prova, ou seja, a fornecer a outros a possibilidade de avaliarem a qualidade e validade da sua experiência.

Como poeta, sujeita-se a outro tipo de regras. Utiliza palavras, procurando furtar-se ao “já dito”, tentando o enunciado radicalmente surpreendente. Jogo difícil, porque a todo o tempo espreita a tentação (não consciente, claro) de escrever segundo tiques aprendidos, segundo “efeitos poéticos” (dir-se-ia fáceis) que são a negação da criatividade poética. A

* Resumo da comunicação apresentada ao Congresso “Identidade e Cultura” (Porto, Pueri, Outubro de 2001) – Painel “Identidade e indefinições.Procuro-me e não me encontro”.

poesia é uma outra forma de rigor, e o seu trabalho, ao seu feito por um arqueólogo, interage evidentemente com o que este faz nesta segunda qualidade.

Pode ser que com perseverança, bastante trabalho, e algum talento, se chegue a qualquer coisa de interessante para os outros. A essas coisas vai-se apor o meu nome, a minha cara, a minha biografia – uma quantidade de eus. Mas “eu” garanto que estou inocente – foi assim que me ensinaram a fazer, isto é, que fui obrigado a fazer para poder sobreviver aqui.

No que toca especificamente à Arqueologia, esta começou por ser um passatempo de “gente bem”, e só muito mais tarde ganhou estatuto científico (sécs. XIX/XX), tendo depois entrado nas Universidades como uma matéria integrada no curso de História (no caso português, no séc. XX, e, com algum desenvolvimento, só após o 25 de Abril de 1974). Mas, durante muito tempo, a Arqueologia foi uma matéria para Universidades e Museus, de que o grande público andava arredado. As autarquias não viam nela uma forma rentável de afirmação, a curto prazo (o que interessa ao “timing” eleitoral), e de qualquer modo estavam ocupadas, num quadro de meios parcos, com outras prioridades, como as das infra-estruturas.

Porém, recentemente, a Arqueologia ganhou autonomia como licenciatura independente (os primeiros estudantes estão actualmente – 2002-2003** – no seu 4º ano). Agora, está a ser uma profissão muito procurada, devido à abundância de obras e à necessidade de se realizarem previamente estudos de impacte – os técnicos de arqueologia (arqueólogos e assistentes de arqueólogo) não estão ameaçados de desemprego e, pelo contrário, constituem-se como trabalhadores independentes, empresários individuais, ou, mesmo, criam empresas de serviços de arqueologia.

Por outro lado, a nossa sociedade acompanha a tendência geral para o lazer, a ocupação dos tempos livres dos reformados e jovens, e o concomitante interesse dos políticos por infra-estruturas e pólos culturais como meios de afirmação identitária e de “desenvolvimento” local. O “património”, em particular, tornou-se uma autêntica obsessão, na medida em que contribui para a promoção do “típico”, e de novas formas do local se afirmar perante o global – em articulação com as mais variadas formas de turismo e sua ideologia, que é central na nossa sociedade.

Como é que todos os actores sociais envolvidos ou interessados na patrimonialização do território se posicionam no terreno, e como é que os jovens arqueólogos (ou auxiliares de arqueologia) se inserem nesta realidade nova e movente? À satisfação de começarem a ter um salário muito cedo, por vezes ainda como estudantes, pode suceder a frustração inerente à tecnocratização da arqueologia e à sensação de se passar, sem transição, de um trabalho fisicamente esgotante a outro, perdendo de vista o fundamental, que é a componente da investigação.

Ou seja, está a constituir-se, entre os jovens arqueólogos, todo um naipe de “identidades”, que vai do “empresário”, com maiores ou menores ambições culturais, mas que vê o seu trabalho a “render” materialmente, até ao “intelectual” verdadeiramente interessado na pesquisa, tendencialmente (quando tem a sorte de conseguir tal) saltando de bolsa em bolsa, ou de pós-graduação em pós-graduação, como forma de preencher uma vocação que não se esgota no trabalho rotineiro ou na prestação de serviços, mas visa a produção de uma realidade autoral, isto é, de ideias novas, plasmadas em livros e artigos publicados em revistas da especialidade.

Vítor Oliveira Jorge

** Informação actualizada em Dezembro de 2002.